

**MOVIMENTOS EM PROL DOS HOMOSSEXUAIS E TEORIA QUEER:
O amplo universo além das cores do arco-íris representado nas telenovelas.**

Lívia Cretaz¹

Resumo

Este artigo tem como intuito contextualizar os movimentos homossexuais bem como apresentar as principais conquistas até o momento e apontar os avanços (ou retrocessos) das representações homoeróticas na televisão brasileira, com o recorte nas tramas exibidas pela Rede Globo no horário nobre dos últimos cinco anos. Para a realização deste artigo usou-se o método de pesquisa de dados secundários, bem como pesquisa bibliográfica e documental, além da análise do material empírico utilizado para a construção da dissertação.

Palavras-chave: Movimentos homossexuais; Comunicação e consumo; Representações homossexuais; Telenovelas; Rede Globo.

Cronologia dos Movimentos de Gays e Lésbicas

No dia 28 de junho de 1969, em Greenwich Village, baixo de Nova Iorque, ocorreu o fato que podemos dizer que deu início ao movimento homossexual organizado. Nesta data, frequentadores do bar já tido como *gay - Stonewall Inn* se uniram para dar uma basta à violência das batidas policiais no local e reagiram da mesma maneira ao tratamento a que eram submetidos. Era comum, à época, que homens e mulheres, travestis, *drag queens*, clientes e transeuntes fossem levados em camburões às delegacias e fichados, ainda que não tivessem desrespeitado qualquer lei, mas apenas por estarem nos arredores de boates ou bares de homossexuais, sob falsas alegações de venda ilegal de bebidas alcóolicas. Esses frequentadores perdiam o emprego ou sofriam outras formas sérias de discriminação ao terem sua identidade descoberta e escancarada pela sociedade. No dia em que ocorreu a reação, liderados por travestis e *drag queens*, houve reações violetas aos atos policiais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Propaganda e Marketing. E-mail: liviacretaz@hotmail.com

Exatamente um ano após esse primeiro movimento de reação, um grupo chamado “Frente de Libertação Gay” lançou o jornal *Come Out* e elegeu a data de 28 de junho como o Dia Internacional do Orgulho Gay, iniciando assim a realização das Paradas do Orgulho Gay que, atualmente ocorrem em vários países como Canadá, Austrália, Alemanha, Inglaterra e Brasil. Atualmente, a Parada do Orgulho é o símbolo do movimento que se destina a promover a diversidade e aceitação.

No Brasil, esses movimentos começaram a se organizar mais tarde, em meados dos anos 80 e mesmo assim de maneira incipiente por conta da influência que a ditadura militar teve na nossa cultura por duas décadas e à expansão de expressões religiosas contrárias à homossexualidade. A partir de 1996 começaram a ocorrer atividades públicas para comemorar o 28 de junho, sendo que em 1997 ocorreu a primeira Parada do Orgulho GLBT² (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros), em São Paulo.

Citando Giddens (1993)³, a supremacia masculina na sociedade ditou, por muitos anos, um comportamento que era considerado “natural”, podemos questiona-lo que não era mais um conjunto de funções sociais arbitrariamente instituídas. O homem tem sido educado para acreditar que tem uma necessidade de variar parceiras, como se essa fosse uma função de sua própria “saúde”, senão física, pelo menos social. Em contrapartida, a mulher foi alocada para a reprodução, somada à administração do lar e tarefas domésticas.

Ainda encontramos resistência em determinados momentos. Em 2003, o Vaticano lançou uma campanha contra a legalização da união civil homossexual e pediu aos políticos católicos de todo o mundo que fossem contrários aos projetos de leis em favor do casamento gay. No entanto, a partir de 2011, no Brasil, a família homoafetiva foi reconhecida como entidade familiar, conferindo-lhe todos os efeitos jurídicos previstos para União Estável.

² A sigla GLBT é oficialmente aprovada pela ILGA – International Lesbian and Gay Association – e tem sido mundialmente difundida como designador das minorias sexuais em geral.

³ GIDDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993

Contextualizando o Brasil, por meio da pressão principalmente do Grupo *Gay* da Bahia determinou-se que nenhum profissional da área de saúde possa exercer ação em benefício da patologização do comportamento ou das práticas homoeróticas, uma vez que o Conselho Federal de Medicina, em 1985, e o Conselho Federal de Psicologia, em 1999, deixaram de classificar a homossexualidade deixou de ser considerada como doença.

Esses foram alguns dos principais fatores na consolidação do movimento de gays e lésbicas pelo reconhecimento de suas identidades sociais.

Homossexualidade como Apelo Textual nas Telenovelas

As representações homossexuais que a mídia nos traz, principalmente por meio das telenovelas, podemos perceber o consumo, tanto cultural como mercadológico, como instrumento e ferramenta de afirmações sociais. Armand e Michèle Mattelart (2002)⁴ nos chamam a atenção para alguns resultados sobre os telespectadores e os fins lucrativos dos veiculadores:

“A atenção aos efeitos da mídia sobre os receptores, a constante avaliação, com fins práticos, das transformações que se operam em seus conhecimentos, comportamentos, em suas atitudes, emoções, opiniões e em seus atos são submetidas à exigência de resultados formulada por acionistas preocupados em pôr em números a eficácia de uma campanha de informação governamental, de uma campanha publicitária ou de uma operação de relações públicas das empresas”. (MATELLART e MATELLART, 2002, p. 40).

É notório que existe um mercado de segmento homossexual voltado a esse público, e ele vem crescendo e se fazendo presente diante da sociedade, tanto em mídias como a televisão, e cada vez mais comumente nas telenovelas.

A sexualidade vem sendo discutida de forma crescente e cada vez mais no bojo de tramas televisivas e, trazer à cena o homossexual. No entendo, é válido ressaltar que essas discussões nem sempre auxiliam na redução do preconceito, mas ao menos convida o espectador a discutir o assunto, muitas vezes ultrapassando o campo da televisão e indo às

⁴ MATELLART, Armand; MATELLART, Michèle. História das teorias da comunicação. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

redes sociais, por exemplo. Para Hamburger (1998)⁵, “a televisão oferece a difusão de informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe social ou região geográfica.”(p. 442). Complementando a isso, trazemos Wolton (2003)⁶ ao defender que “no plano nacional, a televisão é um fator de modernidade, de coesão social e cultural e de identidade nacional ao mesmo tempo, justamente porque há uma cultura comum” (p. 19).

As telenovelas retratam, de certo modo e ora vez de forma fictícia, acontecimentos sociais e realidades (ou não) que se tornaram cada vez mais complexas e variadas. Essas mudanças refletem nas escolhas dos grupos sociais representados por elas, como os homossexuais, ou ainda, como citam Martín-Barbero e Rey (2001)⁷:

“com o surgimento na cena de temas que conseguem abalar, de alguma maneira, as certezas anteriores, referimo-nos à percepção de gênero, (...) às modificações da sexualidade, ao enfraquecimento das noções tradicionais da autoridade, que influem em suas narrativas, mas também na orientação geral de seu poder como atores sociais.” (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001, p. 79).

A telenovela é responsável por criar e disseminar modelos indenitários que poderão servir como referência para o espectador, tanto quanto os bordões ou os acessórios usados por um determinado personagem. Podemos dizer que as telenovelas auxiliam na construção da realidade e, ao mesmo tempo, alimentam-se do real tendo participação ativa na construção da realidade, em um processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, tendo como produto a modificação de ambas e criando novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades e interpretações, gerando um ciclo.

⁵ HAMBURGER, Esther. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. v. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

⁶ WOLTON, Dominique. É preciso salvar a comunicação. Tradução de Vanise P. Dresch. São Paulo: Paulus, 2003.

⁷ MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução de Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2001.

Principais Personagens Homossexuais Da Teledramaturgia Brasileira

Pudemos observar a homossexualidade estabelecida como um dos diversos elementos de discurso possíveis na telenovela, podendo ele ser maniqueísta, da dualidade entre o Bem e o Mal, o amor romântico em oposição à conveniência socialmente estabelecida, tanto em personagens principais, como secundários. Enquanto que a homossexualidade em si foi discutida de forma direta um número relativamente pequeno de vezes através dos personagens das tramas, sua presença é assegurada pelas interpretações tanto das personagens homossexuais quanto das personagens heterossexuais, mas não apenas gays e lésbicas (enrustidos ou assumidos), como também travestis, transgêneros, bissexuais, heterossexuais que fingem ser homossexuais por alguma razão. Faremos um recorte das tramas dos últimos 5 anos, nas tramas da Rede Globo transmitidas no horário nobre.

Insensato Coração foi exibida em 2011 e escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares. Esta trama recebeu considerável atenção da mídia pela quantidade de personagens assumidamente homossexuais. Sueli (Louise Cardoso) trabalha num quiosque no Calçadão de Copacabana e, para deixá-lo mais bonito, enfeita o local com uma linda bandeira listrada com as cores do arco-íris. Sem querer, Sueli transforma o quiosque num ponto de encontro gay da praia. Mal sabe ela que seu filho, Eduardo (Rodrigo Andrade), "se descobre" gay mesmo namorando Paula (Tainá Müller), filha de Horácio (Herson Capri), mas depois acaba arrumando um namorado. Outro personagem que gerou repercussão foi Vinícius (Thiago Martins). O rapaz tem má índole e será uma espécie de psicopata. Ele é filho bastardo de Oscar (Luigi Baricelli) e se sente recalcado por vir de uma família mais modesta. Viveu um triângulo amoroso com Rafa (Jonatas Faro) e Cecília (Giovanna Lancelloti) e foi líder de uma gangue de *pitboys* que espancou homossexuais. Vinícius foi responsável pela morte de um rapaz chamado Gilvan (Miguel Roncato). Outro personagem homossexual na trama foi Roni (Leonardo Miggiolin), um homossexual caricato e estereotipado.

Fina Estampa foi exibida em 2011-2012 e escrita por Aguinaldo Silva e teve como destaque Tereza Cristina (Christiane Torloni) também tem a seu dispor um fiel mordomo, o engraçado e homossexual Crodoaldo Valério (Marcelo Serrado), apelidado de Crô, já que por um erro do cartório não foi 'Clodoaldo'. Sua fala era engraçada e divertidamente não queria lembrar seu passado pobre. Ele idolatrava a patroa e fazia todas suas exigências. A única ligação de Crô com seu passado é a sobrinha Vanessa, que tem sua faculdade paga por Tereza. Crô também se sente humilhado e por isso fazia tudo que a madame queria. Mais uma vez vemos uma representação forçada e estereotipada.

Amor à Vida, exibida em 2013-2014, escrita por Walcyr Carrasco, protagonizou um personagem homossexual vilão. Félix (Matheus Solano) era caricato e piadista, seus jargões caíram nas graças do público. Ganhou a aceitação do público ainda que no primeiro capítulo tenha jogado a sobrinha em uma caçamba de lixo para ficar com toda a herança da família. Não possui bom relacionamento com seu pai, César (Antônio Fagundes) e aplica diversos golpes ao longo da trama, mas o amor fez com que ele se redimisse. Termina a trama cuidando do pai que o rejeitou durante toda a trama, e se tornou a 'mocinha' com final feliz ao lado de Niko (Thiago Fragoso), com direito ao primeiro beijo *gay* masculino das telenovelas.

Em família, escrita por Manoel Carlos e exibida em 2013-2014 trouxe o triângulo amoroso vivido por Clara (Giovanna Antonelli), Marina (Tainá Müller) e Cadu (Reynaldo Gianecchini). Clara e Cadu eram casados, até que a esposa de apaixonou por Marina e vive o dilema de romper barreiras sociais e aceitar seu novo amor, abdicando do marido. Houve uma questão moralista na trama, em principio o casal estava sendo rejeitado pelo fato de Clara ter um filho, e seu romance poder colocar em cheque a constituição familiar tradicional. Com o passar do tempo o casal foi aceito, e ao final assinou o contrato de união estável entre pessoas do mesmo sexo.

Em *Império* (2014-2015), trama de Aguinaldo Silva, onde tiveram os personagens Téo Pereira (Paulo Betti) representava um jornalista com sede de fofocas e carregado nas tintas que vivia atrás de Cláudio Bogari (José Mayer), um cerimonialista casado e com filhos, um deles o homofóbico Enrico Bolgari (Joaquim Lopes). Cláudio mantinha um relacionamento paralelo com Léo (Klebber Toledo), com quem termina a trama. Existe também o caricato Xana Summer (Ailton Graça), muito amigo de Naná (Viviane Araujo) que ao se envolver com um rapaz, acaba demonstrando ciúmes da então amiga e acabam vivendo a três. A personagem de Cláudio chegou a demonstrar arrependimento em manter um caso com Léo. Em geral, esses personagens não receberam rejeição do público.

Finalizando o levantamento com *Babilônia* (2015) de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, logo no primeiro capítulo protagonizou um beijo lésbico entre Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathália Timberg). O beijo e o casal sofreram rejeição pelo público, chegaram a ficar em segundo plano na trama. A personagem Carlos Aberto (Marcos Pasquim) foi criado para ser homossexual, mas o público feminino não aprovava tal ator como gay, então a trama foi modificada. Para tentar salvar as rejeições dos personagens homossexuais, entraram Ivan (Marcelo Mello) e Sérgio (Cláudio Lins), mas mesmo assim a repercussão não foi tão positiva quanto o esperado.

Nossos Receptores e seu Lugar de Fala

Sendo Félix Khoury a primeira personagem homossexual em destaque nas telenovelas brasileiras, que ao longo da trama ganhou a condição de protagonista, a escolha do público pertencente à Comunidade LGBT para os grupos da pesquisa empírica se dá para verificarmos se a representação da personagem em questão é um avanço ou um retrocesso na mídia. Buscando ainda verificar se esse público de fato se sentiu representado pela figura dramática, ou se foi apenas uma estratégia comercial a exposição da personagem.

Abrindo o Armário: Análise Descritiva do Material Empírico

Analisando o primeiro grupo realizado, na categoria *Engajamento e assistência à telenovela*, parte dos entrevistados declararam acompanhar a trama, parte não conseguia acompanhar por motivos pessoais (estudantes do período noturno), no entanto, declaram conhecer a *Fan Page* da personagem na rede social *Facebook*. Em relação à *Vilania e Redenção*, os entrevistados se demonstraram estar divididos em relação à vilania do personagem. Em relação ao personagem César, é unânime a questão da vilania, visto que quanto mais faces ele apresentava, mais coisas ruins demonstra. Os entrevistados apontaram César como responsável por parte do mau-caratismo de Félix, em função da rejeição que ele sofria. Em relação à Pilar, foi apontado que Félix se demonstrava amoroso e protetor, tendo com ela uma relação simbiótica: a mãe o protege e valoriza, ao passo que ele a ajudava na vingança contra o pai. Em relação às *Representações homoeróticas*, apenas um entrevistado citou o personagem Crodoaldo Valério de *Fina Estampa*. Os participantes frisaram que os personagens *gays*, principalmente os masculinos, eram estereotipados, caricaturados.

No segundo grupo focal realizado, os entrevistados se demonstraram menos interessado no enredo, todos conhecem os personagens e como a trama (ainda no ar) se desenrola. Declararam acompanhar a telenovela via redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Em relação à *Vilania e Redenção*, foi difícil determinar se Félix era ou não um vilão. Foi discutida a questão maniqueísta das personagens das telenovelas em geral, o protagonista nem sempre é bom, bonito e bem-sucedido, o vilão não deve necessariamente ser feio e mau-caráter. Foi abordado a personagem César, que é uma figura bem-sucedida, poderosa, mas que cometeu sérios deslizes, mas não necessariamente por isso se caracteriza como vilão. Em relação à Pilar, foi considerada uma grande aliada de Félix, mas também muito apaixonada pelo marido. Essa dualidade chegou a confundir Félix, que, não obstante é feliz por ter a aceitação da mãe. A respeito das *Representações homoeróticas*, as recordações foram mais pulverizadas em relação aos personagens *gays* das telenovelas,

como por exemplo Leila e Rafaela de *Torre de Babel*, além de Crô de *Fina Estampa*. Ainda que muito irônico e sagaz, Félix foi considerado um pouco caricato com seu linguajar e expressões. A personagem Eron não era afetado nem afeminado, longe de ser caricato. Uma crítica apontada em relação à essa personagem é o fato de ele trocar seu companheiro de anos por uma mulher. Essa "redenção" não foi bem vista pelo grupo, que alegava a homossexualidade como algo que não se escolhe ou se modifica de uma hora para outra.

O terceiro grupo realizado (com a trama já encerrada), se demonstrou bastante heterogêneo nas concepções e visões de mundo. Dos 4 participantes, 3 assistiam os capítulos diariamente e ainda buscavam informações em redes sociais e sites (oficial ou não) da telenovela. Sobre a *vilania e redenção*, pôde-se perceber que outros personagens mostraram suas outras faces, por exemplo, e além de Félix (embora ao final tenha se redimido) foram apontados como vilões Ninho, César, Aline e Pilar. A partir daí, é possível refletir que em maior ou menor grau, esses personagens apresentam comportamento com componentes de vilania e/ou estereótipos. Os entrevistados se demonstraram divididos acerca da temática da redenção. Foi argumentado que a redenção é produto do amadurecimento e de aprendizagens, para então melhorar a percepção de fatos e comportamentos, mas que para que a redenção seja efetiva é preciso que a pessoa deseje se redimir. Foi levantada a hipótese de que a redenção de Félix tenha ocorrido pela descoberta do amor (em relação ao personagem de Niko), ao passo que Aline não queria mudar, pretendia levar sua vingança até as últimas estâncias. Existiu uma unanimidade no grupo em relação ao desfecho: a novela terminou com as nuances que o público desejava, com finais felizes.

A maioria dos participantes alegou que os personagens *gays* são tratados de maneira preconceituosa, com cargos de menor destaque (mordomos, cabelereiros), suas famílias nunca são mostradas, como se eles não possuíssem vida íntima - é nítido esse descontentamento de como os homossexuais são colocados. No entanto, consideraram Félix um divisor de águas, pois era uma personagem de destaque, rico, de classe alta e alto grau de instrução e com família presente na trama – neste sentido, uma pessoa como outra

qualquer, o grupo é intolerante aos estereótipos e caricaturas, alegando que personagens assim não são bem construídas.

Trazendo as análises do último grupo de discussão, todos os participantes acompanharam praticamente todos os capítulos pela televisão, além de redes sociais como, e principalmente, *Facebook e blogs*. Ao abordar *vilania e redenção*, houve novamente uma dualidade nas opiniões. Parte do grupo acreditava que Félix era um vilão ainda que tenha se redimido ao final. É válido destacar que um entrevistado se projetou no personagem de Félix, afirmando que também fizera "maldades" a fim de ser aceito e reconhecido.

É possível perceber de todos os entrevistados que o enfrentamento com a família e a sociedade ainda é muito preconceituoso. César foi apontado como vilão da trama pelas relações extraconjugais, rejeição ao filho, preferência à filha - como se o recalque de cada entrevistado aflorasse para o próprio pai, demonstrando mágoa pela não aceitação de uma condição que não lhe fora escolhida. É notório neste grupo que as pessoas só desenvolvem o que recebem - se o ser é bem tratado, respeitado e aceito, ele tende a ser 'bom'. A razão inversa também é verdadeira - acredita-se que a redenção é possível até certo ponto. O desfecho entre Félix e César causou comoção e tentativa de identificação - bem como o desfecho entre Félix e Niko, que enxergou nele um potencial de mudança.

Adentrando nas *representações homoeróticas*, os entrevistados trouxeram principalmente nomes como Crô de *Fina Estampa*, Leila e Rafaela de *Torre de Babel*, Clara e Marina de *Em família*. O grupo revelou que as personagens homossexuais em geral são muito afetadas, caricatas e cheias de bordões, no entanto, ressaltaram como positiva a dificuldade que Félix (e os homossexuais em geral) enfrentam desde sempre, a começar pela família, além do destaque da personagem no horário nobre de uma grande emissora de televisão aberta.

Considerações Finais Desta Empiria

As falas aqui trazidas evidenciam-nos os confrontos, as negociações, as ressignificações e os valores dos receptores aqui trazidos. Isso demonstra a complexidade

do processo de comunicação. Evidencia-nos ainda como o consumo de um produto como a telenovela se ratifica como possibilidade de leitura dos fios ideológicos que constituem a nossa trama social.

Pode-se principalmente constatar que a personagem de Félix Khoury, como caracterização humorada, expansiva, vingativa revelou a identificação do público com o contexto vivido, em prol da aceitação de sua família, em especial seu pai, foi o que cativou os espectadores e criou laços entre eles e a trama. A questão da vilania do personagem Félix ficou dividida, tendo sido apontada e entendida que a personagem possuía características não maniqueístas. Indo além da questão da telenovela, foi possível perceber a personagem como um caleidoscópio, com diversas faces, e conforme a situação, presente em um cenário que se modifica.

É válido ressaltar que o primeiro ato de vilania praticado por Félix foi jogar a sobrinha em uma caçamba de lixo. No entanto, essa ação, bem como as demais, fora realizada com o intuito de ter a aceitação de seu pai – fator que aparenta ser uma constante na percepção dos homossexuais entrevistados, ao passo que as mães demonstram mais fácil aceitação em relação a orientação sexual de seus filhos. É importante apresentar Félix não apenas como vilão, pois isso passa a imagem de que os homossexuais possuem esses traços, não apenas cômico como comumente é representado. A proposta é que a personagem *gay* deve ser mostrado como alguém que trabalha, exerce suas atividades, se apaixona, sem rótulos e ideias pré-concebidas e sem qualquer tipo de retaliação.

Alguns dos entrevistados opinaram que a personagem Félix por ter cores muito carregadas na questão da vilania, pode interferir negativamente na formação de juízo de valores de pessoas jovens e com caráter em formação, atrelando a vilania à homossexualidade.

Pode-se afirmar que Félix Khoury representa a Comunidade LGBT da cidade de São Paulo? Não é possível afirmar nem que sim, nem que não. Pessoas com problemas familiares e pessoais semelhantes aos representados na telenovela se identificaram com o personagem, então puderam projetar a representabilidade. Um ponto a se questionar é o

preconceito que os próprios participantes demonstraram em relação à homossexualidade.

As personagens homossexuais estão presentes nas narrativas porque estão presentes nas ruas. Eles se beijam publicamente, demonstram seu afeto, estabelecem famílias e são consumidores como tantos outros, consumidores até das narrativas teleficcionais. A personagem homossexual de Félix e o beijo *gay* revelam que esta presença na telenovela, ao que se pode crer, são assuntos que vem lentamente sendo trazidos à discussão e sua aceitação vem ganhando espaço. Essa discussão é de relevância visto que o tema é atual e o preconceito ainda é grande, mas possivelmente tratando-o com a mesma naturalidade com que se aborda casais e beijos heterossexuais haja a ampliação dos direitos dos homossexuais de se posicionarem sem diferença e rejeição na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Unesp, 1993

HAMBURGER, Esther. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. v. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução de Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2001.

MATELLART, Armand; MATELLART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução de Vanise P. Dresch. São Paulo: Paulus, 2003.